

COMUNHÃO

Revista Espírita Bimestral
Propriedade da

COMUNHÃO ESPÍRITA CRISTÃ DE LISBOA

www.comunhaolisboa.com

ANO 32

Nº 195

MARÇO - ABRIL

2014

(Não aderimos ao novo acordo ortográfico)

Propriedade, Administração, Redacção, Composição e Impressão :	Índice	Página
Calçada do Tojal, 95, s/c 1500-592 Lisboa Telefone : 217 647 441 *	Editorial	2
Director Responsável : Manuela Vasconcelos *	Palavras de Kardec	5
Tiragem : 150 exemplares Distribuição Gratuita *	Os + sinceros e dedicados...	7
Registo nº.211720 Depósito Legal Nº. 13972	Soneto	9
	Eutanásia... para grandes e...	10
	Carnaval	16
	Páginas do Passado	20
	O Remorso (Soneto)	30
	Jesus para o homem	31
	*	

EDITORIAL

Estivemos, há pouco, num “Momento do Evangelho”, tendo surgido como tema do capítulo “Que a mão esquerda não saiba o que faz a direita” a mensagem de um Espírito Protector intitulada “Os Orfãos”, tema que nos fez pensar não em função ao que o autor daquelas palavras nos aconselhava a fazer, mas antes relacionado com as próprias palavras do título.

Quantas e quantas vezes não oramos, quando estamos fazendo as nossas preces, pelos ‘Orfãos de pais ainda vivos’... crianças abandonadas por um e outro motivo, crianças atiradas para uma qualquer porta onde ficam à intempérie, aguardando que um curioso, mais afoito, se debruce sobre o “pacote” para ver se o que ali está será para se chamar a polícia, não vá ‘aquilo’ ser uma bomba que logo rebentará, causando a morte a uns quantos!!!

Outras vezes, o choro da criança atrai o passante, que se condói... e vai entregar o ‘pacote’ às autoridades, para que sejam tomadas providências... Outras vezes... não, não vamos referir o que poderá acontecer uma e mais vezes, porque todos nós temos reacções diferentes, frente a uma mesma situação, embora todos nos sintamos ‘tocados’ pela atitude de quem abandonou...

Mas, se pudéssemos falar, no momento do abandono, com quem assim agiu, será que não conseguiríamos modificar aquela situação? Sabemos que há, realmente, situações, em que a ‘parideira’ apenas não quis provocar o aborto, por medo ou falta de dinheiro para pagar a quem lho fizesse, mas desde os primeiros sintomas da gravidez pensou em disfarçar a barriga porque não iria

assumir a criança... e damos graças a Deus pela oportunidade que, com a sua atitude, deu àquele espírito, com a reencarnação que lhe concedeu. Mas, depois, pensamos em todas aquelas mulheres que tanto desejavam ser mães, acolherem nos seus braços um filhote – até mesmo que fosse doentinho!, como por vezes ouvimos – e têm, desde que começaram a sonhar com a maternidade – o colo sempre vazio!

Sabemos que Deus nunca erra e, na oportunidade que dá a umas e nega a outras estará, com certeza, o mérito de cada um daqueles Espíritos e, também e ainda, as provas que todos têm de viver. E os Espíritos reencarnados, como sentirão, mais tarde, o abandono a que foram votados? Serão capazes de perdoar, ou não, o terem crescido sem pais biológicos, entregues a estranhos desde os primeiros dias da sua nova existência terrena, ou agradecerão, apesar de tudo, a oportunidade que lhes foi concedida, tendo-lhes sido permitida a reencarnação?

Depois... continuamos a debruçar-nos sobre a palavra, para nos perguntarmos se, apesar de todo o carinho com que nos rodearam os nossos pais, não somos todos nós... órfãos? Orfãos, de cada vez que negamos a Deus; órfãos, de cada vez que deixamos de cumprir com a Sua Lei, seja por comodismo como por irresponsabilidade, órfãos, quando viramos a cara, ao passarmos por uma outra pessoa, pobre mas limpamente vestida, que estende a mão à caridade, pedindo o pão para si e para os seus... Orfãos, porque sabemos o que não devemos fazer, mas fazemos assim mesmo, porque deixamos que o egoísmo que nos vem acompanhando em tantas e tantas reencarnações, continue a comandar a nossa vontade e a escravizar-nos, sem que nada façamos para dele nos libertarmos?!

Na obra “O Evangelho Segundo o Espiritismo”, o Espírito Emmanuel chama-lhe ‘a chaga que continua a assolar a Humanidade’... e de tantas reencarnações que o Senhor nos tem concedido, não houve uma ainda em que nos tivéssemos proposto eliminá-la de nós, do nosso caminho?!!!

A Terra, dizem-nos os “mais iluminados” já começou o seu processo de transformação de planeta de expiação e provas em planeta de regeneração... Não acreditamos – se vamos ter um mundo mais perfeito – que ele transite com tantos dos Espíritos que ali virão a reencarnar... E perguntamos, então, para nós mesmos, e para a nossa incapacidade de resposta: será que vai acontecer com a maioria dos terrenos o mesmo que aconteceu com os capelinos? Será que teremos sempre, apesar dos exemplos que chegam até nós, de repetir os mesmos erros que outros já cometeram, porque não queremos aprender com o conhecimento que nos chega e, na nossa insensatez, nos achamos sempre diferentes dos demais?

Jesus afirmou-nos que não nos deixaria órfãos, mas o nosso proceder, a nossa conduta não são a de quem prefere continuar a sê-lo, em vez de procurarmos seguir os seus ensinamentos e exemplo? Quando nos sentiremos “cansados” de tantas quedas?...

A DIRECÇÃO

*

PALAVRAS DE KARDEC

CARACTERES DA REVELAÇÃO ESPÍRITA

(Continuação)

44 – Os aflitos existem em grande número; não é de admirar, portanto, que tantas pessoas acolham uma doutrina que consola, de preferência às doutrinas que desesperam, porque é aos deserdados mais que aos felizes do mundo, que o Espiritismo se dirige. O doente vê chegar o médico com maior satisfação que aquele que tem saúde; ora, os doentes são os aflitos e o Consolador é o médico.

Vós, que combateis o Espiritismo, se quereis que o abandonemos para vos seguir, dai mais e melhor do que ele; curai com maior segurança as feridas da alma. Dai mais consolação, mais alegria ao coração, esperanças mais legítimas, maiores certezas; fazei do futuro um quadro mais racional, mais sedutor, mas não penseis em derrota-lo com a perspectiva do nada, com a alternativa das chamas do inferno ou da beatitude inútil de uma contemplação perpétua.

45 – A primeira revelação foi personificada em Moisés, a segundo no Cristo, a terceira em indivíduo nenhum. As duas primeiras foram individuais, a terceira colectiva; eis aí um carácter essencial de grande importância. Ela é colectiva, no sentido de não ser feita ou dada como privilégio a pessoa alguma; ninguém, portanto, pode inculcar-se como seu profeta exclusivo; foi espalhada simultaneamente sobre a Terra a milhões de pessoas, de todas as idades e condições, desde a mais baixa até à mais alta

escala, de acordo com esta predição registada pelo autor dos Atos dos Apóstolos: “Nos últimos tempos, disse o Senhor, derramarei o meu espírito sobre toda a carne; os vossos filhos e filhas profetizarão, os mancebos terão visões e os velhos terão sonhos (At., 2:17,18). Ela não proveio de nenhum culto especial, a fim de um dia servir de ponto de ligação a todos.

46 – As duas primeiras revelações, como fruto que são do ensino pessoal, permaneceram forçosamente localizadas, isto é, surgiram num só ponto, em torno do qual a ideia pouco a pouco se propagou; entretanto, foram necessários muitos séculos para que alcançassem os extremos do mundo, sem o ocupar inteiramente. A terceira tem isso de particularidade, que não se achando personificada em um só indivíduo, produziu-se simultaneamente em milhares de pontos diferentes, os quais se tornaram centros ou focos de irradiação. Multiplicando-se esses centros, seus raios se reúnem pouco a pouco, como os círculos formados por um punhado de pedras lançadas na água, de tal maneira que, em determinado tempo, acabarão por cobrir toda a superfície do globo.

Esta é uma das causas da rápida propagação da doutrina. Tivesse ela surgido em um só ponto, tivesse sido obra exclusiva de um homem, teria formado uma seita em torno dele; porém, talvez meio século decorresse antes que tivesse atingido os limites do país no qual se houvesse iniciado; tal como é, depois de dez anos, ela tem suas balizas plantadas de um polo a outro.

(In A GÉNESE, 1º capítulo, ed. Lake)

Continua no próximo número

OS MAIS SINCEROS E DEDICADOS AMIGOS

É saudável mantermo-nos sempre em relação
em relação com os Benfeitores Espirituais

*“É uma doutrina esta, dos anjos guardiães,
que, pelo seu encanto e doçura, deverá converter
os mais incrédulos.” – S. LUIS¹*

Informa-nos Allan Kardec¹: *“Nada tem de surpreendente a doutrina dos anjos guardiães, a velarem pelos seus protegidos, malgrado a distância que medeia entre os mundos. É, ao contrário, grandiosa e sublime...”*

Não vemos na Terra o pai velar pelo filho, ainda que de muito longe, a auxilia-lo com seus conselhos, correspondendo-se com ele? Que motivo de espanto haverá, então, em que os Espíritos possam, de um outro mundo, guiar os que, habitantes da Terra, eles tomaram sob sua protecção, uma vez que, para eles, a distância que vai de um mundo a outro é menor do que a que, neste Planeta, separa os continentes? O fluído universal que entrelaça todos os mundos lhes serve de veículo de transmissão dos pensamentos, como o ar é, para nós, o da transmissão do som.”

Unem-se a S. Luiz e Santo Agostinho em consoladora página a leccionar¹: *“Não vos parece grandemente consoladora a*

ideia de terdes junto de vós seres que vos são superiores, prontos sempre a vos aconselhar e amparar, a vos ajudar na ascensão da abrupta montanha do bem? Foi Deus que aí os colocou e, aí permanecendo por amor de Deus, desempenham bela, porém, penosa missão.

Ah! Se conhecêsseis bem esta verdade! Quanto vos ajudaria nos momentos de crise! Quanto vos livraria dos maus Espíritos! Tendes guias, segui-os...”

Na resposta à questão nº. 459 de “*O Livro dos Espíritos*”, verificamos que os Espíritos influem em nossos pensamentos e em nossos actos além do que imaginamos. Tal influência é levada ao ponto em que passamos a ser por eles dirigidos, vinculando-se tudo isso à lei de sintonia. Isso é de molde a levar-nos a concluir que depende única e exclusivamente de nós o tipo e qualidade de companhia espiritual que possuímos. Aprendendo e praticando os ensinamentos de Jesus, estaremos aptos a captar os influxos superiores originários das Altas Esferas.

Recomendam-nos, ainda, S. Luiz e Santo Agostinho que não devemos reear fatigar os Espíritos guardiães com as nossas perguntas. É saudável mantermo-nos sempre em relação com esses Benfeitores Espirituais, pois são eles, dentre os que se nos liguem na Terra, os mais sinceros e dedicados amigos.

1 – KARDEC, Allan. *O Livro dos Espíritos*, 88ª ed. Rio (de Janeiro), FEB, 2006, q. 495.

ROGÉRIO COELHO
(Mauriaé – M.Gerais – Brasil)

SONETO

Quisera crer, na Terra, que existisse
Esta vida que agora estou vivendo,
E nunca encontraria abismo horrendo,
De amargoso penar que se me abrisse.

Andei cego, porém, e sem que visse
Meu próprio bem na dor que ia sofrendo;
Desvairado, ao sepulcro fui descendo,
Sem que a Paz almejada conseguisse.

Da morte a Paz busquei, como se fora
Apossar-me do eterno esquecimento,
Ao viver da minh'alma sofredora;

E em vez de imperturbáveis quietitudes,
Encontrei os Remorsos e o Tormento,
Recrudescendo as minhas dores rudes.

ANTERO DE QUENTAL

(In: PARNASO DE ALÉM-TÚMULO, psicografia do médium brasileiro Francisco C. Xavier, ed. FEB).

EUTANÁSIA... PARA GRANDES E PEQUENOS!

Os nossos leitores podem achar esquisito o título deste pretendo artigo, mas, às vezes, só mesmo “brincando com coisas sérias” conseguimos falar ou referir assuntos de extrema gravidade que são ou foram tratados levemente por quem de direito. Hoje, esse tema é a EUTANÁSIA que, até à última semana, não deveria, sequer, ser praticada pelos adultos. Agora, uma proposta aprovada no Parlamento belga no dia 13 de Fevereiro findo, autoriza que qualquer criança de menor idade, em grande sofrimento devido a doença incurável – é isso mesmo, CRIANÇA!!! – possa pedir ou escolher para si própria a eutanásia que, segundo o ‘Pequeno Dicionário da Língua Portuguesa’, de Cândido de Figueiredo, significa *morte tranquila, sem sofrimento*.

Porquê, esta decisão? Segundo a notícia publicada, porque o sofrimento daquelas crianças “incomoda sobremaneira o pessoal médico e paramédico!!!”

Lemos e não conseguimos assimilar o acontecido! Onde estão os ‘João-Semana’ do século passado, onde está a escolha de uma profissão, encarada como um sacerdócio, para ajudar e aliviar o sofrimento do próximo?

Que discernimento tem uma criança de 7, 8, 9 anos para decidir que “quer morrer” se, com esta idade, perdendo um ente querido, os adultos lhe dizem, para que ela aceite aquela ausência, que “... foi para o pé de Jesus”?

Depois... depois, reclama-se da crise – e nós insistimos em que a maior crise a assolar todo o mundo é a moral, não a material! Que autoridade moral tem o adulto que dá a uma criança o direito de optar pela morte, quando é da Lei de Deus – na qual se baseiam todas as leis civis do mundo – a proibição radical do “não matar”? O suicídio é crime, seja cometido às claras ou às escondidas; e o suicídio assistido, o que é?

Quem é que irá dizer a um pai, a uma mãe, depois de perdidas muitas e muitas horas de repouso na assistência àquele doentinho, que “às tantas horas irão desligar as máquinas, retirar os tubos, parar o oxigênio?” Até àquele instante eles, os pais, aguardavam que os médicos lhes levassem a notícia de que iriam experimentar um novo medicamento que, talvez, fizesse pelo menos estacionar a doença... E agora?

No capítulo III de ‘O Livro dos Espíritos’, a pergunta 156 do sub-capítulo ‘Separação da alma e do corpo’, sobre a separação definitiva entre a alma e o corpo pode verificar-se antes da cessação completa da vida orgânica, obteve a seguinte resposta: *“Na agonia, às vezes, a alma já deixou o corpo, que nada mais tem do que a vida orgânica. O homem não tem mais consciência de si mesmo, e não obstante ainda lhe resta um sôpro de vida. O corpo é uma máquina que o coração põe em movimento. Ele se mantém enquanto o coração lhe fizer circular o sangue pelas veias e, para isso, não necessita de alma, que sente, muitas vezes (p.157) que se desatam os liames que a prendem ao corpo e então **emprega todos os seus esforços para os desligar de uma vez.** Já parcialmente separado da matéria, vê o futuro desenrolar-se ante ela e goza por antecipação do estado de Espírito.”*

Ora, isto é a explicação para o desencarne natural, aquele que ocorre sem interferências de terceiros, face ao sofrimento que o doente possa estar a viver. Será que o Espírito terá a mesma paz, numa morte provocada? Onde está - perguntamos - a caridade pelos sentimentos de cada um, naquela decisão? Onde está o amor pelo próximo? Ou... será amor ao próximo autorizar-se a morte - em nome da dor?

Cada um tem o País e os governantes que merece – sempre ouvimos dizer – mas será que alguém, alguma criança que, mesmo abandonada pelos pais à nascença tem o direito à vida, será que também deve ter o direito à morte, quando a lei atira para uma qualquer cadeia com todo o que pratica homicídio, julgando-o e condenando-o a uma pena que nunca é suave? Quem assina uma lei destas não é tão criminoso como aquele outro que empunha uma arma para matar?

*

Pensando, agora, não mais em função de uma lei civil, mas de um acto a ser visto à luz da religião, debruçamo-nos sobre o Livro Terceiro de “O Livro dos Espíritos”: consultámos os sub-capítulos IV e V, respectivamente, ‘Liberdade de Consciência’ e ‘Livre Arbítrio’, e transcrevemos:

A pergunta 836 “*O Homem tem o direito de opor entraves à liberdade de consciência?*”, tem a seguinte resposta: “*Não mais que à liberdade de pensar, porque somente a Deus pertence o direito de julgar a consciência. Se o homem regula pelas suas leis as relações de homem para homem, Deus, por suas leis naturais, regula as relações do homem com Deus.*”

Aqui, transcrevemos a pergunta 621, na qual Kardec pergunta: “*Onde está escrita a lei de Deus?*” A resposta é: “*Na consciência.*”

E J. Herculano Pires, tradutor do livro editado pela Lake, comenta em rodapé:

“Descartes, na terceira de suas meditações metafísicas, declara que a ideia de Deus está impressa no homem ‘como a marca do obreiro na sua obra’. Essa ideia de Deus é inata no homem e o impele à perfeição. Embora as escolas modernas de Psicologia neguem a existência de ideias inatas, o Espiritismo a sustenta. Ela decorre do princípio da reencarnação, que foi provado pelo Espiritismo através de pesquisas. Por outro lado, as ideias de Deus, da sobrevivência e do bem e do mal existem e sempre existiram entre todos os povos. A lei de Deus está escrita na consciência do homem, como a assinatura do artista na sua obra.”

Mas, voltamos ao Livro Terceiro, à Lei de Liberdade e à liberdade de Consciência, e transcrevemos a pergunta 840: “*Será atentar contra a liberdade de consciência opor entraves às crenças que podem perturbar a sociedade?*” Ela tem a seguinte resposta, com destaque de Kardec: *Podem reprimir-se os actos, mas a crença íntima é inacessível. Reprimir os actos externos de uma crença, quando esses actos acarretam qualquer prejuízo aos outros, não é atentar contra a liberdade de consciência, porque essa repressão deixa à crença sua inteira liberdade.”*

A pergunta 847 do sub-capítulo sobre o Livre Arbítrio, esclarece, na resposta obtida à interrogação feita: “*A alteração das faculdades tira ao homem o livre arbítrio?*” Resposta: “*Aquele cuja inteligência está perturbada por uma causa qualquer perde o*

domínio do seu pensamento, e desde então não tem mais liberdade. Essa alteração é frequentemente uma punição para o Espírito que, numa existência pode ter sido vão e orgulhoso, fazendo mau uso das suas faculdades. Ele pode renascer no corpo de um idiota, como o déspota no corpo de um escravo e o mau rico no de um mendigo. Mas o Espírito sofre esse constrangimento, do qual tem perfeita consciência: é nisso que está a acção da matéria.”

Pergunta 850: “A posição social não é às vezes um obstáculo à inteira liberdade de acção?” R.: “O mundo tem, sem dúvida, as suas exigências. Deus é justo e tudo leva em conta, mas vos deixa a responsabilidade dos poucos esforços que fazeis para superar os obstáculos.”

*

Voltamos, agora, aos nossos comentários, e o primeiro que nos vem à mente é sobre a capacidade das pessoas que são eleitas para governarem um qualquer país. Não deveria, cada uma delas abster-se das suas ideologias individuais, religiosas ou não, seja crente ou ateu, portanto, para ser apenas legislador? Hoje, um qualquer ateu, que pensa que tudo acaba com a morte e, por esse motivo é contra a dor, é a favor da opção aparentemente mais fácil; amanhã, num futuro mais ou menos distante, um outro poderá optar ainda por atitudes mais drásticas... Quem nos garante que não chegará o dia em que seja assinada uma lei que obrigue os próprios pais a matarem os filhos, se forem doentes, ou se nascerem deficientes? Isto, depois de se estar, desde o final do século 19, a lutar-se mundialmente pelo terminus da pena de morte, tendo Portugal sido um dos primeiros a dar o exemplo...

Recordamos, neste instante, um conto que fazia parte do nosso livro de literatura, no liceu: o costume que havia, num determinado país, de levar os pais idosos, aos 60 anos, para o alto da montanha, com uma manta e uma malga, para que aguardassem, ali, a morte. Observando a atitude de seu pai para com o avô, uma criança volta-se para o genitor e entrega-lhe uma faca, para que ele corte a manta ao meio. Para quê? – pergunta o pai. Para que quando chegue o momento de eu o levar a si, tenha um pedaço de manta para lhe entregar! A resposta da criança suspende toda a acção e salva o avô da morte isolada, no tópo da montanha... Será que se está a caminhar para gestos como estes, bárbaros e desumanos? Desumanos porque até as feras defendem e cuidam das suas crias...

A notícia comenta ainda que “a capacidade da criança de compreender o “lado irreversível da morte”, segundo as palavras de uma deputada, será avaliada caso a caso pela equipe médica e por um psiquiatra, ou por um psicólogo independente. E, embora a iniciativa de pedir a prática da eutanásia deva partir da criança, os pais precisam dar seu consentimento.” “Uma criança de sete, oito, nove anos, pode, realmente, pedir a eutanásia com total autonomia – questionou a deputada cristã-democrata Sonja Becq.”

Esta notícia, que até nem nos sentimos com capacidade total para comentar, dada a angústia que nos tocou, deixa-nos, entretanto, uma pergunta para a qual não encontramos resposta imediata: - Para onde caminha a Humanidade? Se, por um lado, em pleno século XXI, temos um conhecimento técnico absolutamente evoluído e capaz de inventarmos aparelhos que pesquisam outros mundos, porque pesquisam outros planetas, se andamos de telescópio em punho, descobrindo novos mundos, e dando-lhes nomes, se tentamos imitar o gesto do Criador de todas as coisas, criando clones, porquês estas decisões de quem assina

não como pessoa inteligente mas como um qualquer selvagem a dar os primeiros passos entre a raça humana?

O que vale, o que nos consola e acalenta, é que nesta como em qualquer outra atitude, mesmo impregnada do livre arbítrio do homem, Deus tem sempre a última palavra: o aval final é sempre o seu!

MANUELA VASCONCELOS



“Fé inabalável é somente aquela capaz de encarar a Razão, face a face, em todas as épocas da Humanide”
– ALLAN KARDEC : Evangelho S/o Espiritismo,
Frontispício.



CARNAVAL

Carnaval ou entrudo é a época imediatamente anterior à quaresma e considerada tempo de folia, que precede a quarta-feira de cinzas. Época de desmandos, que os mais irresponsáveis aproveitam para a prática de tudo aquilo que,

normalmente, lhes está proibido, tal como não deve ser praticado por nenhuma pessoa de sã moral e bons costumes.

A Doutrina dos Espíritos, através dos livros ditados para a Terra por Irmãos esclarecedores e responsáveis, informam-nos, ainda, que muitos dos desmandos provocados e praticados pelos encarnados têm na sombra, a comandá-los, aqueles irmãos das trevas que aproveitam esta fase para darem satisfação às suas ideias e propósitos menos sãos. Sob a influência do álcool e da droga, cada vez mais usada nestas datas, os desmandos e os crimes são, infelizmente, sempre maiores.

Os Mentores das Casas Espíritas recomendam que se mantenham abertas, como poiso de auxílio aos nossos Irmãos desencarnados e socorristas, os Centros e Grupos Espíritas que, normalmente, funcionam nesses mesmos dias da semana, seja com a prática do Evangelho, seja com a reunião de desobsessão. Cada Centro em funcionamento, é como um farol que acende a sua luz no mar tormentoso, a orientar os náufragos para o bom porto de abrigo.

Infelizmente, e apesar das recomendações do Alto, muitos Centros encerram as suas actividades nesta época, perdendo assim a possibilidade de auxílio a muitos dos irmãos desencarnados – e encarnados – que, a maior parte das vezes, apenas procuram uma mão estendida a que se possam agarrar, para se salvarem.

No livro mediúnico “Nas fronteiras da Loucura”, ditado pelo Espírito Manoel Philomeno de Miranda ao médium brasileiro Divaldo Pereira Franco, com a 1ª edição em 1982, o Espírito Philomeno de Miranda escreveu:

“ (...) Meu Pai trabalha até hoje e eu trabalho também. Certamente que o repouso é uma necessidade e se faz normal que muitos companheiros, por motivos óbvios, procurem o refazimento em férias e recreações... Sempre haverá, no entanto, aqueles que permanecem e podem prosseguir sustentando, pelo menos, algumas actividades na Casa Espírita, que deve permanecer oferecendo ajuda e esclarecimento, educando almas pela divulgação dos princípios e conceitos doutrinários com vivência e caridade.

“Um outro grupo advoga ser imprescindível fechar-se a Instituição Espírita nos dias de carnaval e de festas populares outras, por causa das vibrações negativas, para evitar-se perturbações de pessoas alcoolizadas ou vândalos que se aproveitam dessas ocasiões para promoverem desordens.

“A Sociedade Espírita que se sustenta na realização dos postulados que apregoa, tem estruturas que a defendem, de um como do outro lado da vida. Depois, cumpre aos dirigentes tomar providências, mediante maior vigilância em tais ocasiões, que impeçam a intromissão de desordeiros ou doentes sem condição de ali permanecer. Acautelar-se, em exagero, do mal, é duvidar da acção do bem; temer agir correctamente, constitui ceder o campo à insânia. Nestes dias, nos quais são maiores e mais frequentes os infortúnios, os insucessos, os sofrimentos, é que se deve estar a posto no *lar da caridade*, a fim de poder ministrar-se socorro. Por fim, quanto às vibrações serem mais perniciosas em dias deste porte, não há dúvida. A providência a ser tomada deve constituir-se de reforço de valor e de energias salutaras para enfrentar-se a situação.

“Conta-se que abnegado servidor da mediunidade queixou-se ao Mentor dedicado, sobre as lutas que vinha travando, encontrando-se quase sem forças para prosseguir. As dificuldades sitiavam-no, em forma de familiares exigentes, amigos ingratos, conhecidos descaridosos para com ele, fragilidade na saúde, interferências espirituais negativas. Após relacionar os fortes impedimentos, rogou ao Benfeitor que o orientasse no procedimento a manter.

“O amigo, por sua vez, expôs-lhe: ‘Um anjo ofereceu a um pupilo querido, que aprendia com ele santificação, em treinamento para vir à Terra, um guarda-chuva; tempos depois doou-lhe galochas de borracha; mais tarde ofertou-lhe um chapéu e uma capa impermeáveis sem dar-lhe maiores explicações. Repentinamente, começou a chover torrencialmente e o candidato à elevação gritou: - ‘Anjo bom, chove! Que faço?’ O sábio orientador respondeu-lhe, sem delongas: ‘-Use o material que lhe dei... Você tem recebido a luz e o discernimento do Evangelho, prosseguiu o Guia, a revelação do Espiritismo, o apoio do Mundo Espiritual, não como prémio à inutilidade, senão como recurso de alto valor para os momentos difíceis que sempre chegam. Agora desaba a tempestade. Use esses tesouros ocultos que vem guardando e não tema. Enfrente as borrascas, que maltratam, porém, passam...’”

“O médico não teme o contágio do enfermo, porque sabe defender-se; o sábio não receia o ignorante, porque pode esclarecê-lo... Ora, o espírita, realmente consciente, que se não apoia em mecanismos desculpistas, enfrenta as vibrações de teor baixo, armado do escudo da caridade e protegido pela superior inspiração que haure na prece, partindo para o serviço no lugar em que se faz necessário, onde dele precisam.”

E com este esclarecimento que fomos procurar, a reforçar a nossa atitude de sempre, lembramos que a prece é sempre o apoio maior a que podemos e devemos recorrer para combater as ideias e/ou atitudes negativas daqueles que de nós se aproximem na ideia de nos perturbarem. E, a este respeito, lembramos sempre aquelas palavras tão sábias, de alguém que já não sabemos identificar:

“Se Deus está comigo, quem estará contra mim?”

MANUELA

PÁGINAS DO PASSADO

KARDECISMO E ROUSTAINGUISMO

“Não desprezeis as profecias. Examinai, porém, Tudo: abraçai o que é bom. – PAULO, I aos Tenalonicenses, V: 20 e 21.

Temos assistido indiferente às lamentáveis pugnas dos nossos confrades brasileiros. Temos visto como as paixões empolgavam o raciocínio, a ponto de alguns descerem à diabrete imprópria de gente culta, perdendo a compostura ante um público ávido de sensações, que disfruta o escândalo, como um néctar maravilhoso, vendo os contendores aprestados em característicos

arreganhos. A nossa impressão é profundamente desoladora. Não há o direito de cavar abismos na doutrina, de impor ideias a ninguém. Dentro do Espiritismo todos podem e devem trabalhar à vontade, num grande espírito de harmonia que concorra para o fortalecimento da Causa sagrada e erma de máculas vergonhosas. O nosso papel não é demolir, sem construir. Por isso, quando houvermos de dar combate, que ele seja movido contra o êrro e contra o mal, e nunca pelo prazer de criar gemónias transitórias.

Sejamos francos: punhamos a questão a claro e deixemo-nos de subterfúgios. Que razão assiste aos que se dizem *kardecistas* de impugnarem os *Evangelhos* de Roustaing, quando o Codificador do Espiritismo, na crítica àquele livro de 1867, não teve receio de escrever as seguintes palavras:

“Esta obra compreende a explicação e a interpretação dos Evangelhos, artigo por artigo, com o auxílio de comunicações ditadas pelos espíritos. *É um trabalho considerável e que tem, para os espíritas, o mérito de não estar em contradição, por qualquer de seus pontos, com a doutrina ensinada no Livro dos Espíritos e dos Médiuns* (o sublinhado é nosso).

Então, se a obra de Roustaing não contradiz a de Kardec, para que erguer estandartes inadmissíveis, para que lançar a confusão num campo que devemos cultivar com o maior carinho, se quisermos obter colheita compensadora? Semeemos ideias, não semeemos ódios. Deixemo-nos de dogmatismos, que assinalam o cristalizar do pensamento. Sejamos progressivos, acompanhando a ciência em todas as suas conquistas, adaptando a nossa teoria aos modernos conhecimentos, porque só assim poderemos merecer o respeito das pessoas inteligentes e honestas. Só assim, unidos pelo mesmo elo inquebrantável, norteados por um ideal de justiça que tem o mérito de fortalecer e alegrar as almas, impelidas pela força

oculta que em nós exerce a potencialidade criadora e renovadora, ofereceremos batalha às imperfeições do meio e triunfaremos da ignorância, que se arma até aos dentes no intuito de implantar na Terra o seu reino ultramontano.

*

No prefácio dos “Quatro Evangelhos” Roustaing declara que ingressou no Espiritismo guiado por Kardec. Leu ‘O Livro dos Espíritos’, onde encontrou uma pura moral em harmonia com o espírito progressivo da humanidade. Leu, a seguir, ‘O Livro dos Médiuns’, e ali viu a explicação lógica da possibilidade das comunicações, bem como as faculdades mediúnicas do homem. E acrescenta:

“Depois desse estudo e desse exame (o estudo e o exame das obras de Kardec) consultei a história, desde a origem das eras conhecidas até aos nossos dias, e vi, entre todos os povos da antiguidade, dos tempos intermediários e dos tempos modernos, a comunicação do mundo espiritual com o mundo corporal historicamente comprovada, atestada pelos factos que em todas as épocas os historiadores mais acreditados entre os homens registaram.”

“Na sua ânsia de perscrutar e saber, trabalhou no sentido de alargar os horizontes da revelação espírita, quanto à natureza do Cristo, a qual, até então, permanecera incompreensível e impenetrável ao entendimento humano.”

“Quanto à revelação sobre uma origem e uma natureza, ao mesmo tempo humanas e extra-humanas de Jesus, sobre o modo da sua aparição na Terra, tudo, como antes, se conservou igualmente obscuro à minha razão.”

Que admira, pois, que o sábio fosse mais além, na peugada de conhecimentos novos acerca de um assunto misterioso e inexplicado ainda?

Pois não disse Allan Kardec (Obras Póstumas, pág. 317, 5ª ed. portug.) referindo-se à doutrina: “Apoiada em leis naturais, ela não pode ser mais variável que estas leis, mas, se uma nova lei for descoberta, ele deve modificar-se para se harmonizar com esta, não deve cerrar a porta a nenhum progresso, sob pena de suicidar-se?” A Revelação de Roustaing é, portanto, um passo à frente, dentro do critério de Kardec e, como tal, digna de ler-se e meditar-se. Apoiada na ciência magnética, cujos progressos têm sido admiráveis, esta obra pode considerar-se um curso superior de Espiritismo, porque traz a solução de muitos problemas, apenas enunciados nos livros fundamentais.

O facto de o codificador emitir opinião pessoal (Génesis, pág. 368 e 2ª ed. em português) contrária à teoria do corpo fluídico do Cristo, não é razão para afirmarmos que é falsa a obra de Roustaing, porquanto, um pouco mais abaixo, Kardec escreve a respeito do desaparecimento do corpo de Jesus do sepulcro:

“Sem dúvida, facto semelhante não é radicalmente impossível, segundo o que se sabe hoje sobre as propriedades dos fluídos, mas seria pelo menos inteiramente excepcional e em oposição formal ao carácter dos *ageneres*.” O que é certo, porém, é que uma *aparição tangível* não é um *agenero*. Será bom não confundir, para se não sair do campo da verdadeira análise.

Na pág. 34 da mesma edição da ‘Génesis’, afirma ainda Allan Kardec que “não há ciência alguma que tenha saído completa do cérebro de um só homem; todas, sem excepção, têm sido o produto de observações sucessivas apoiando-se sobre as

observações precedentes, como sobre um ponto conhecido para chegarem ao desconhecido. Foi assim que os Espíritos procederam com o Espiritismo; eis porque o seu ensino é graduado; eles só abordam as questões à medida e à proporção que os princípios sobre os quais elas devem apoiar-se estão suficientemente elaborados, e a opinião está preparada para recebê-los.”

Foi o que se deu com a ‘Revelação da Revelação’, efectivamente apoiada nas *observações precedentes*, recolhidas no ‘Livro dos Espíritos’ e dos ‘Médiuns’.

Roustaing não falou contra Kardec. Expôs uma nova teoria, aliás racional e merecedora de atenção visto interpretar, à luz da ciência, as passagens mais difíceis dos Evangelhos. Não nos repugna acreditar na explicação dada acerca do parto de Maria Virgem, visto como, em qualquer tratado de Magnetismo, encontramos casos de gravidez e outros estados fisiológicos aparentes, produzidos pela combinação dos fluídos manejados pelos espíritos. Mas, queremos, apoiar-nos em Kardec, a fim de verificar que não há motivos para dissidências. Na citada edição da ‘Génese’, a pág. 293, lemos: “Os Espíritos actuam sobre os fluídos espirituais, não os manipulando como os homens manipulam os gases, mas por meio do pensamento e da vontade. O pensamento e a vontade são para os Espíritos o que a mão é para o homem. Pelo pensamento, eles imprimem a esses fluídos tal ou tal direcção: aglomeram-nos, combinam ou dispersam; formam conjuntos de aparências, forma e côr determinadas; mudam-lhe as propriedades, como o químico muda as dos gases ou outros corpos, combinando-os segundo certas leis. É a grande oficina ou laboratório da vida espiritual.”

Como se vê, por mais que procuremos, não encontramos as tais famosas discordâncias, que servem a alguns ilustres confrades

de bandeira de guerra contra aqueles que, numa intenção louvável, *examinam*, como S. Paulo, *e abraçam o que é bom*. Bem ao contrário, o que vimos é uma concordância de princípios, de molde a elevar a doutrina.

Nada temos a ver com critérios pessoais. Se Kardec vivesse mais algum tempo, encontraria, de certo nas experiências de Crookes, matéria preciosa que o levaria talvez a modificar a sua opinião no tocante à questão do *corpo fluídico*.

Seja, porém, como for, não há razão para tamanhas questiúnculas no seio da família espírita, questiúnculas funestíssimas cujos resultados tendem a enfraquecer as nossas fileiras, numa hora em que todo o esforço é pouco para as defendermos dos ataques de rudes e persistentes adversários.

Kardec não teve a pretensão de haver dito a última palavra em Espiritismo; e, se a pomo da discórdia gira em torno de tão somenos particularidade, é bom que as espadas recolham à baíña, reconhecendo uns e outros a improficuidade de uma tarefa mais desagregadora que unificadora.

Da união é que nós precisamos no momento que passa. O corpo de Jesus não interessa à nossa tese. O que interessa absolutamente é a Sua excelsa doutrina. Que importa que o seu corpo tivesse sido material ou fluídico, se a sua ideia teve o condão de mudar a face do mundo! Quando se lê uma obra prima, não se procura saber se foi escrita a lápis ou com pena de ouro.

Devemos ler Kardec e ler Roustaing e ler todas as demais obras que aparecerem sobre Espiritismo. A nossa consciência aceitará o que for bom. E nada de polémicas odiosas entre adeptos

do mesmo credo filosófico que ensina a fraternidade e a tolerância para com os próprios inimigos.

Nada de Kardecismo, nada de Roustanguismo. Senão, terá que haver também Gelleismo, Dellanismo, Crookismo, Bozannismo...

O que houve e o que há é, simplesmente, *Espiritismo*, sem mais apêndices inúteis. Espiritismo é que devemos propagar em todos os nossos escritos, escoimado, já se vê, de *psiquismos* e *espiritualismos* e *ocultismos*, que servem apenas para obscurecer a vinha em que trabalhamos.

E, quanto ao resto, sejamos amigos leais, busquemos a verdade pelos caminhos que pudermos trilhar, de harmonia com as possibilidades e os conhecimentos de cada um.

Sagres, Julho de 1931

ISIDORO DUARTE SANTOS

(In REVISTA ALÉM, da Sociedade Portuense de Investigações Psíquicas, nº. 16, de 25/8/1931, pgs. 4 e 5).

*

Fazendo a transcrição deste artigo, temos de esclarecer alguns pontos, para nós, espírita, de grande importância. O primeiro é que não aceitamos Roustaing. Transcrevemos o artigo por fazer parte das “Páginas do Passado”.

São possíveis e passíveis as palavras de Isidoro Duarte Santos à distância de quase um século para aqueles que, como ele, e apesar do conhecimento que procuravam adquirir, lutavam, ainda, com a falta de obras mais esclarecedoras sobre a Doutrina Espírita e suas bases. Talvez se achasse lógica em muitas das afirmativas roustainguistas que hoje repudiamos por contrárias à Doutrina do Consolador. Lembramos, até, que há uns anos atrás o Carlos Alberto Ferreira, do ‘Centro Espírita Perdão e Caridade’, se debruçou intensamente sobre os 4 Evangelhos de Roustaing, analisando e rebatendo as inverdades que ali se encontram e publicando um livro sobre o seu estudo.

É fácil pensarmos que o corpo de Jesus fosse fluídico? A Deus nada é impossível e se Ele quisesse enviar aos terrenos um Seu mensageiro, apenas para nos transmitir uma Sua mensagem, até poderíamos aceitar que assim fosse, mas... a mensagem de Jesus demorou 33 anos! O Menino cresceu da mesma maneira que qualquer um de nós; fez-se homem da mesma maneira que acontece com qualquer ser reencarnado. Quando chegou o momento supremo da sua estadia na Terra – quando o seu corpo a deixou através da morte – se o seu corpo fosse fluídico, Ele teria encenado o papel maior de uma representação teatral, fingindo um sofrimento que não sentiria! Tudo, mas tudo, não teria passado de um bluff! Mas, quando começou a Sua missão, quais foram as suas primeiras palavras – se assim as podemos referir? ‘Não venho para destruir a Lei, mas para dar-lhe cumprimento.’ Se não veio para destruir a Lei, então Ele tinha de ser igual a nós – não em evolução espiritual, mas no corpo que apresentou: Ele teve de ter nascido da mesma maneira que qualquer um de nós (não aceitamos a afirmativa de ‘Maria, virgem e mãe’), teve de “sentir” o sofrimento físico que qualquer um de nós sente para nos poder dizer que tudo é passageiro porque, o importante, é a vida espiritual. Se o seu corpo tivesse sido fluídico e ele se

materializasse e desmaterializasse conforme a sua necessidade de momento, onde estava a verdade da Sua afirmativa: “Eu sou o Caminho, a Verdade e a Vida...” Estas palavras seriam o culminar da mentira da Sua passagem pela Terra!

Esta a nossa primeira análise, face às palavras de Duarte Santos. Mas há mais: Se contarmos os nomes das individualidades que transmitiram a Allan Kardec o conhecimento de que os homens precisavam, naquela época, verificamos que toda a Codificação tem bastantes nomes, uns conhecidos outros não, mas nomes que somam várias dezenas, nomes de espíritos que compõem o Paracleto ou Espírito de Verdade. Cada um deles pronunciou-se em função do conhecimento que possuía sobre os temas de cada capítulo, de cada obra... Os 4 evangelhos, de Roustaing, pelo contrário, foram ditados apenas por 4 individualidades (ignoramos se uma para cada volume, mas apenas quatro!). Aprendemos que os Espíritos não sabem tudo de todos os assuntos, pelo contrário: podem, até, ignorar muitos temas mas, se forem suficientemente humildes, quando interrogados podem responder, dando a mesma resposta que já por diversas vezes obtivemos a determinadas perguntas que fizemos: “Não estamos aptos a esclarecer sobre o tema; iremos perguntar e, depois, transmitiremos a resposta.” O próprio Espírito André Luiz, para ditar para a Terra a sua obra, aparece-nos, em cada livro, a fazer perguntas àqueles que o podem esclarecer e cujas respostas, depois, ele regista para nos transmitir. É certo que as podia apresentar assim como uma maneira mais fácil de prender a atenção do leitor, mas apesar de cientista e desencarnado, saberia ele tudo de todos os assuntos? Não nos parece!

Até à altura em que Nestor Mazotti tomou posse do lugar de Presidente da Federação Espírita Brasileira, os livros de Roustaing faziam parte da lista de obras que a FEB editava e

vendia; com Mazotti e, depois dele, essa mesma obra desapareceu da lista das edições FEB.. Pensamos que, só esta atitude, já diz muito da verdade ou da mistificação de “Os quatro Evangelhos”, de Jean Baptiste Rostaing.

Brincando um bocadinho com o “parece que”, talvez a obra de Rostaing esteja baseada naqueles pretensos “milagres” que constam dos evangelhos aprovados pela Vulgata Latina: os que surgiram na obra dos evangelistas aprovados e aceites como os mais parecidos, no seu conteúdo, mas dos quais constam alguns factos, com certeza que menos reais.

Honestamente, em relação a Jesus, à sua época, à sua vida, aceitamos bem mais facilmente a narrativa de Emmanuel no livro “Paulo e Estevão”, comparativamente com algumas das afirmativas dos evangelhos que compõem o Novo Testamento. E se nos debruçarmos, atentamente, sobre o Livro “Atos dos Apóstolos”, escrito pelo evangelista Lucas, que não chegou a conhecer o Divino Amigo, “sentimos” que podemos aceitar aquelas palavras como verdadeiras. Então, aprendamos a discernir, no que lemos, a verdade da mentira, e demos graças ao Senhor por todas as obras que Ele permitiu fossem transmitidas para a Terra, para nosso conhecimento e aprendizado: estamos, hoje, bem mais enriquecidos de sabedoria espiritual e crística do que os nossos percursores, há quase um século atrás... e, honestamente, continuemos a estudar KARDEC para o cumprirmos porque, até agora, ainda muito pouco pusemos em prática do conhecimento que o Codificador nos transmitiu!

MANUELA VASCONCELOS

O REMORSO

Quando fugi da dor, fugindo ao mundo,
Divisei aos meus pés, de mim diante,
A medonha figura do gigante
Do Remorso, de olhar grave e profundo.

Era de ouvir-lhe o grito gemebundo,
Sua voz cavernosa e soluçante!...
Aproximei-me dele, suplicante,
Dizendo-lhe, cansado e moribundo:

- Que fazes ao meu lado, corvo horrendo,
Se enlouqueci no meu degredo estranho,
Acordando-me em lágrimas, gemendo?

Ele riu-se e clamou para meus ais:
- Companheiro na dor, eu te acompanho,
Nunca mais te abandono! Nunca mais!

ANTERO DE QUENTAL

(In: PARNASO DE ALÉM-TÚMULO, psicografia de Francisco C. Xavier, edição FEB).

JESUS PARA O HOMEM

*“E achado em forma como homem,
humilhou-se a si mesmo, sendo obediente
até à morte, e morte de cruz.” – PAULO.
(Filipenses, 2:8)*

O Mestre desceu para servir,
Do esplendor à escuridão...

Da alvorada eterna à noite plena...

Das estrelas à manjedoura...

Do infinito à limitação...

Da glória à carpintaria...

Da grandeza à abnegação...

Da divindade dos anjos à miséria dos homens...

Da companhia de gênios sublimes à convivência dos
pecadores...

De governador do mundo a servo de todos...

De credor magnânimo a escravo...

De benfeitor a perseguido...

De salvador a desamparado...

De emissário do amor a vítima do ódio...

De redentor dos séculos a prisioneiro das sombras...

De celeste pastor a ovelha oprimida...

De poderoso trono à cruz do martírio...

Do verbo santificante ao angustiado silêncio...

De advogado das criaturas a réu sem defesa...

Dos braços dos amigos ao contacto de ladrões...

De doador da vida eterna a sentenciado no vale da morte...

Humilhou-se e apagou-se para que o homem se eleve e brilhe para sempre!

Oh, Senhor, que não fizeste por nós, a fim de aprendermos o caminho da Gloriosa Ressurreição no Reino?

EMMANUEL

(In: PÃO NOSSO, psicografia de Francisco C. Xavier, capítulo 62, edição FEB).

